



ARTIGO ORIGINAL

PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM DO AMBULATÓRIO DE UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO
SOCIODEMOGRAPHIC PROFILE OF THE NURSING TEAM AT THE OUTPATIENT CLINIC OF A UNIVERSITY HOSPITAL
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DEL EQUIPO DE ENFERMERÍA DEL CENTRO AMBULATORIO DE UN HOSPITAL UNIVERSITARIO

Ângela Maria Nunes de Souza¹, Enéas Rangel Teixeira²

RESUMO

Objetivo: descrever as características sociodemográficas da equipe de enfermagem do ambulatório de um hospital universitário. **Método:** estudo descritivo-exploratório com abordagem qualitativa, com emprego da análise do discurso. A produção de dados foi realizada no período de agosto a setembro de 2013, com a participação de 30 funcionários da equipe de enfermagem. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, CAAE 13646813.5.0000.5243. **Resultados:** a entrada para o ambulatório se deu em razão da limitação física e desgaste psíquico dos depoentes, que vieram de outros setores do hospital. Do total de participantes, 76,67% afirmaram estar satisfeitos com o trabalho no ambulatório em relação a outros setores do hospital; 93,34% disseram participar de decisões no serviço; e 67% expressaram não utilizar de nenhum serviço de apoio oferecido pela instituição. **Conclusão:** este estudo possibilitou conhecer o perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem. **Descritores:** Equipe de Enfermagem; Trabalho; Ambulatório Hospitalar.

ABSTRACT

Objective: to describe the sociodemographic characteristics of the nursing team of an outpatient clinic of a university hospital. **Method:** descriptive exploratory study with a qualitative approach using discourse analysis. The data were collected from August to September 2013 with the participation of 30 professionals of the nursing team. The research was approved by the Research Ethics Committee, CAAE 13646813.5.0000.5243. **Results:** the transfers to the outpatient clinic took place due to physical problems and psychological exhaustion of the respondents, who had come from other sectors of the hospital. Of the total participants, 76.67% claimed to be satisfied with the work at the outpatient clinic in contrast to other sectors of the hospital; 93.34% stated they participated in decision-making in the service; and 67% affirmed they did not use any support service offered by the institution. **Conclusion:** this study made it possible to know the demographic profile of the nursing team. **Descriptors:** Nursing Team; Work; Outpatient Clinic.

RESUMEN

Objetivo: describir las características sociodemográficas del equipo de enfermería de un centro ambulatorio de un hospital universitario. **Método:** estudio descriptivo exploratorio con un enfoque cualitativo usando análisis del discurso. Los datos fueron recolectados de agosto a septiembre de 2013 con la participación de 30 empleados del equipo de enfermería. La investigación fue aprobada por el Comité de Ética en Investigación, CAAE 13646813.5.0000.5243. **Resultados:** el ingreso al centro tuvo lugar por motivos de limitación física y desgaste psicológico de los encuestados venidos de otros sectores del hospital. De total de participantes, el 76,67% afirmó estar satisfecho con el trabajo en el centro ambulatorio en relación con otros sectores del hospital; el 93,34% reportó que participaban en las decisiones del servicio; y el 67% expresó que no usaba algún servicio de apoyo ofrecido por la institución. **Conclusión:** este estudio permitió conocer el perfil demográfico del equipo de enfermería. **Descritores:** Equipo de Enfermería; Trabajo; Centro Ambulatorio.

¹Enfermeira, Especialista em Enfermagem de Saúde Pública, Mestre em Enfermagem, Hospital Universitário Antonio Pedro, Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: angelamnsouza@yahoo.com.br; ²Enfermeiro e Psicólogo, Professor Doutor em Enfermagem, Pós-doutorado em Psicologia Clínica, Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense/UFF. Niterói (RJ), Brasil. E-mail: eneaspsi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O interesse por esse assunto de pesquisa provém das vivências de trabalho no serviço ambulatorial de enfermagem de um hospital universitário. O ambulatório é uma das portas de entrada de pacientes neste hospital. Os pacientes, em sua maioria, são agendados e referenciados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) através da rede básica de saúde.

O serviço ambulatorial se caracteriza por atender múltiplas especialidades clínicas e cirúrgicas, realizar curativos, pequenas cirurgias, alguns exames e atendimentos multiprofissionais, entre eles a enfermagem em suas atividades gerenciais e assistenciais com enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem em turnos da manhã e da tarde. Nesse espaço são realizadas: consultas de enfermagem aos grupos de bebês de alto-risco; consultas e grupos para atendimentos a pacientes com diabetes e pacientes com síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS); e pré-natal e ginecologia; entre as demais consultas de enfermagem e de especialidades médicas.

Quanto à prática de enfermagem, historicamente possui uma genealogia caracterizada por práticas de cuidado com a vida, exercidas no espaço privado por mulheres e em situações de guerra e posteriormente na idade média. Organizada por influência da caridade cristã, as instituições passam a prestar cuidado ao público. É a partir do surgimento das ordens religiosas e em razão da forte manifestação cristã que movia as mulheres para a caridade, a proteção e a assistência aos doentes, que ela começa a aparecer como uma prática leiga e desvinculada do que se denomina de conhecimento científico moderno.¹

Com as mudanças sociais, históricas e técnico científicas, aliado aos interesses políticos, o avanço na área médica vem contribuir na reorganização dos hospitais que passaram a desempenhar importante papel, não só como responsáveis pela manutenção da força de trabalho, mas também como instituições produtoras de serviço de saúde. Essa nova organização traz reflexos na enfermagem como a disciplinarização no trabalho. É assim que a teoria clássica administrativa, postulada por Taylor e Fayol, vem ajustar-se ao processo de reorganização do novo hospital.¹

Nesta perspectiva, a enfermagem é marcada pela divisão do trabalho ao longo de sua história, em que há o estabelecimento de níveis de escolaridade diferenciados socialmente e uma divisão entre trabalho

intelectual e trabalho manual. Ademais, nesse hospital, por ser universitário, há ainda características que diferenciam a assistência e a docência.

A equipe de enfermagem do ambulatório do Hospital Universitário Antonio Pedro (HUAP) é formada, em sua maioria, por profissionais que foram lotados nesse local oriundos de outros setores do hospital, por apresentarem problemas de saúde e/ou qualquer limitação de suas atividades laborais. O trabalho desenvolvido em outros locais que os sobrecarregavam seria o cuidado direto e realização de procedimentos técnicos, os quais envolvem cargas físicas como pegar peso, manter-se muito tempo de pé, como também situações de maior estresse que envolvam, por exemplo, situações de risco de morte.

É possível entender que, para alguns membros da equipe de enfermagem, a vinda para o ambulatório significou uma melhoria na sua condição de trabalho, pois as atividades são mais adequadas ao seu perfil atual de trabalhadores. Por outro lado, para outros, sua lotação no ambulatório pode ter o significado de ter-se tornado visível para as suas limitações, remetendo-os a desvalorização relacionada ao adoecimento e/ou envelhecimento.

Este estudo tem por objetivo:

- Descrever as características sociodemográficas da equipe de enfermagem do ambulatório de um hospital universitário.

MÉTODO

Este estudo foi extraído de uma dissertação do Mestrado Profissional Enfermagem Assistencial. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e exploratória com abordagem metodológica qualitativa com a preocupação de descrever e analisar os dados sociodemográficos emergidos das entrevistas desses trabalhadores. Essa equipe do ambulatório estava constituída por uma faixa etária mais avançada e com maior tempo de trabalho nesta instituição.

O cenário deste trabalho foi o ambulatório de um hospital universitário tendo como participantes da pesquisa a equipe de enfermagem (enfermeiro, técnico e auxiliar de enfermagem). Este hospital está voltado para a área de ensino, assistência e pesquisa. Hoje, é considerado na hierarquia do SUS como hospital de nível terciário e quaternário, isto é, unidade de saúde de alta complexidade de atendimento.

Os participantes do estudo foram 30 funcionários da equipe de enfermagem do

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

ambulatório: enfermeiros; técnicos; e auxiliares de enfermagem. A coleta de dados foi realizada no período de agosto a setembro de 2013. Participaram da pesquisa nove enfermeiros, 12 técnicos de enfermagem e nove auxiliares de enfermagem. Os participantes atenderam ao critério de inclusão, exclusão e o aceite de participar da pesquisa.

A pesquisa ocorreu no horário de trabalho dos servidores (antes ou após o serviço), mediante o aceite de participar da pesquisa. Foi colocado para os funcionários se tratar de um estudo sobre as condições dos trabalhadores no ambulatório e que as respostas seriam anônimas e confidenciais. Os encontros foram agendados previamente e os objetivos do estudo esclarecidos durante a realização da entrevista.

A pesquisa adotou a técnica de entrevista semiestruturada, a qual foi gravada e durou em média cerca de 30 minutos. O roteiro da entrevista foi composto de duas partes. A primeira parte, formada por dados

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

sociodemográficos, seguiu o modelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e foi respondido de forma escrita pelos entrevistados. A segunda parte foi gravada e norteada pelo roteiro com esclarecimentos conceituais de alguns tópicos para os entrevistados.

A pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética e Pesquisa sob o parecer de nº 311.649 em 21/06/2013, CAAE: 13646813.5.0000.5243 e submetido à Plataforma Brasil.²

RESULTADOS

Os dados da Figura 1 apresentam as informações referentes às características sociodemográficas dos 30 participantes: 40% eram técnicos de enfermagem; 30% auxiliares de enfermagem; e 30% enfermeiros. A predominância foi de mulheres (86,67%), com idade entre 50 e 59 anos (53,33%) e 63,33% não possuía outro emprego.

Idade	n	%
30 a 39 anos	1	3,34
40 a 49 anos	6	20
50 a 59 anos	16	53,33
60 a 69 anos	7	23,33
Sexo		
Feminino	26	86,67
Masculino	4	13,33
Formação profissional		
Enfermeiro	9	30
Técnico de enfermagem	12	40
Auxiliar de enfermagem	9	30
Outro emprego		
Sim	11	36,67
Não	19	63,33
Etnia autodeclarada		
Negro	11	36,67
Branco	9	30
Pardo	10	33,33
Religião		
Sim	27	90
Não	3	10

Figura 1. Perfil sociodemográfico dos funcionários do ambulatório de um hospital universitário. RJ - Brasil, 2013.

Na Figura 2 é observado que 36,67% disseram ter renda familiar de cinco a 10 salários e 20 % valor superior a 10 salários

mínimos. Dos depoentes, 33,33% possuíam tempo de serviço no hospital acima de 25 anos e 33,33% acima de 30 anos.

Renda familiar/salários mínimos	n	%
1 a 3	1	3,33
> de 3 a 5	12	40
> de 5 a 10	11	36,67
> de 10	6	20
Estado civil		
Solteiro	10	33,33
Casado	14	46,67
Viúvo	1	3,33
Divorciado	3	10
União estável	2	6,67
Tempo de serviço no hospital		
> de 5 a 10 anos	1	3,34
> de 15 a 20 anos	4	13,33
> de 20 a 25 anos	5	16,67
> de 25 a 30 anos	10	33,33
> de 30 anos	10	33,33
Grau de escolaridade		
Ensino fundamental completo	1	3,33
Ensino médio incompleto	1	3,33
Ensino médio completo	8	26,67
Ensino superior incompleto	3	10
Ensino superior completo	7	23,33
Ensino <i>latu sensu</i>	8	26,67
Ensino <i>strictu sensu</i>	2	6,67

Figura 2. Continuação. Perfil sociodemográfico dos funcionários do ambulatório de um hospital universitário. RJ - Brasil, 2013.

A Figura 3 chama atenção para algumas características dessa equipe de enfermagem no trabalho neste hospital. Do total de participantes: 76,67% afirmaram estar satisfeitos com o trabalho no ambulatório em relação a outros setores do hospital; 93,34% disseram participar de decisões no serviço; e

67% disseram não utilizar de nenhum serviço de apoio oferecido pela instituição. A entrada para o ambulatório se deu em razão da limitação física e desgaste psíquico (70%). Estes trabalhadores vieram de outros setores do hospital.

Satisfação com o trabalho em relação a outros setores do hospital	n	%
Sim	23	76,67
Não	7	23,33
Participa de decisões no hospital		
Sim	28	93,34
Não	12	6,66
Utiliza serviços da instituição		
Sim	10	66,67
Não	20	33,33
Alocação no ambulatório		
Vaga de concurso	0	0
Limitação laboral	21	70
Outro motivo	9	30

Figura 3. Outras características emergidas das entrevistas no estudo. RJ - Brasil, 2013.

DISCUSSÃO

O ambulatório é uma unidade considerada “prêmio” para os trabalhadores, principalmente para os mais velhos. É considerada mais “leve” pelo fato dos pacientes não serem vistos como graves e não estarem internados. No entanto, os estudos têm mostrado que os trabalhadores de ambulatório não estão livres dos mesmos problemas de saúde de trabalhadores de outras unidades, o que compromete a

qualidade de vida atual e futura.³ Porém, os trabalhadores de enfermagem no ambulatório sofrem o estresse pela grande demanda e rotatividade de pacientes, enquanto os recursos humanos muitas vezes são limitados para a carga de trabalho.

O estudo buscou compreender não somente os dados sociodemográficos emergidos da pesquisa mas também os sentidos que eram manifestados por esses dados pelos sujeitos, legitimados socialmente pelos laços sociais, remetendo a uma história e ideologia na

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

produção de sentidos.⁴ Os relatos dos profissionais de enfermagem expressam sonhos, necessidades, desejos e conflitos diante de uma realidade de trabalho. Ademais, transmitem conteúdos referentes à vida/superação e morte/sofrimento/dor, comuns no ambiente hospitalar.

Nessa conjuntura, a enfermagem é apontada, hoje, como detentora de percentual superior a 50% do contingente de recursos humanos do setor de saúde, sendo responsável pela maior prestação de serviços de saúde à sociedade. É importante destacar que as mulheres representam mais de 85% da força de trabalho dentro da enfermagem.¹

Um estudo realizado em um hospital geral em São Paulo reforça a constatação de uma predominância de mulheres na força de trabalho no hospital. Neste estudo se constatou que a força de trabalho predominante era de trabalhadores na faixa etária de trinta a quarenta anos.⁵

Os resultados do presente estudo demonstram que a força de trabalho estava constituída em grande medida por mulheres (86,67%) com idade entre 50 e 59 anos (53,33%), seguida por pessoas acima de 60 anos (23,33%), com tempo de serviço entre 25 e 30 anos (33,33%) e acima de 30 anos (33,33%). Estes funcionários eram oriundos de outros setores do hospital e 70% haviam sido remanejados em razão da limitação laboral por problemas físicos e/ou desgaste psíquico ao longo dos anos. Nesta perspectiva, a realidade e predominância do gênero merecem ser discutidas na realidade de trabalho da enfermagem, considerando as representações e ações sobre o feminino, sem exclusão da minoria masculina na profissão.

Em relação ao estudo realizado em uma unidade de saúde no Município de Ribeirão Preto, SP, foi observada uma distribuição por sexo na qual 91,6% dos participantes eram do sexo feminino. A média entre as idades foi de 35 anos, variando entre 28 e 56 anos. No que diz respeito à escolaridade: 62,5% possuíam ensino médio completo; 12,5% ensino superior incompleto; 25% ensino superior completo; e 12% possuíam especialização concluída na área de enfermagem.⁶

O estudo acima contou com a participação de 24 profissionais da equipe de enfermagem: 20,83% eram enfermeiros; 37,5% auxiliares de enfermagem, sendo três com o título de técnico de enfermagem e 41,66% trabalhando como técnicos de enfermagem. Quanto ao tempo de serviço no Ambulatório de Especialidades: 20,83% atuavam de um a três anos no serviço; 12,5% de quatro a 10 anos; e 66,6% trabalhavam havia mais de 10 anos

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

nessa unidade de saúde.⁶

Em relação ao trabalho de pesquisa e este estudo desenvolvido em outra instituição em São Paulo existe uma semelhança quanto ao gênero feminino, porém, em relação à faixa etária, os funcionários da pesquisa apresentaram uma idade mais avançada e, quanto ao tempo de carreira, a maioria encontrava-se no final de carreira. No estudo de Ribeirão Preto observa-se também que 66,6% trabalham havia mais de 10 anos na instituição, sem uma limitação mais detalhada deste tempo de serviço.

Em outro estudo realizado em um ambulatório especializado na cidade do Rio de Janeiro, a análise dos dados mostrou que 30 trabalhadores de enfermagem, dentre enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, 12 trabalhavam na instituição havia menos de um ano; enquanto que outros 12 a exerciam havia 20 anos ou mais, sendo a maioria dos trabalhadores do sexo feminino. Ao se tratar de vínculo empregatício, verificou-se que apenas 10 trabalhadores de enfermagem possuíam outro emprego.⁷

Um estudo realizado no hospital universitário em Juiz de Fora, Minas Gerais, demonstrou que dentre os trabalhadores que responderam ao questionário: 63% encontravam-se na faixa etária entre 30 e 49 anos; 78% eram mulheres; 53,5% tinham mais de seis anos de formado; 54,6% atuavam havia mais de seis anos na instituição; 68,3% tinham apenas um emprego; e 54,9% encontravam-se em regime jurídico único com vínculo trabalhista.⁸

Este dado é coincidente com os do presente estudo, já que, conforme o relato dos entrevistados, 11(36,67%) possuíam outro vínculo empregatício. Estes resultados não coincidem com dados da literatura quanto à dupla carga horária ser comum entre os trabalhadores de enfermagem. Neste sentido, a literatura aponta ser a desvalorização dos profissionais por questões de baixos salários no mercado. Isto faz com que os trabalhadores assumam jornadas duplas ou até triplas de trabalho, colocando em risco sua saúde, além de resultar no afastamento das causas sociais em seu exercício profissional. Esta literatura citada aponta que os baixos salários do pessoal de enfermagem são reflexos do sistema de valores do patriarcado que atribui à mulher papel secundário na estrutura e divisão de bens da sociedade.¹

Em outro trabalho realizado com 39 funcionários (técnicos e auxiliares de enfermagem) de um hospital geral em São Paulo verificou-se predominância do sexo feminino (62%). Quanto ao estado civil, 49%

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

eram casados ou moravam com seus companheiros. A renda familiar girou em quatro a oito salários mínimos para 38% dos participantes e acima de oito salários mínimos para 26%. Com relação à escolaridade, 51% tinham ensino médio/técnico, 39% superior incompleto e 10% superior completo.⁹

A pesquisa de campo chama atenção para outros dados emergidos quanto ao perfil da equipe de enfermagem do ambulatório deste hospital. A entrada para o ambulatório ocorrera em razão da limitação física e desgaste psíquico (70%). Estes trabalhadores vieram de outros setores do hospital. A limitação baseou-se nas entrevistas e não foram utilizados laudos técnicos, pois foge à proposta do estudo.

Alguns trabalhos também chamam a atenção para a precarização das relações de trabalho, a desunião da equipe e a desorganização no ambiente de trabalho, além da violência psicológica em hospitais e ambiente acadêmicos.^{10,11,12,13}

Tendo em vista as especificidades do trabalho em saúde, é possível compreender que os trabalhadores de enfermagem estarão expostos a determinados riscos e doenças ocupacionais, comprometendo não somente a qualidade da assistência prestada por esses profissionais, mas também sua própria qualidade de vida. Considerar-se-á que a saúde do trabalhador de enfermagem não é um problema de significância apenas para a enfermagem, como também para as pessoas que se utilizam dos serviços nas unidades hospitalares.¹⁴

De fato, existe o acolhimento inerente às relações de trabalho e ao mesmo tempo a existência de uma política de humanização de Estado. A proposta da Política Nacional de Humanização à saúde é um valor para a conquista de uma melhor qualidade de atendimento à saúde do usuário e de melhores condições de trabalho para os profissionais.¹⁵

No modelo da saúde, a humanização torna-se um desafio. Além da atenção ao usuário, é de fundamental importância a atenção aos profissionais de saúde que, em sua maioria, convivem com sobrecarga de trabalho, o que leva ao desgaste físico e mental.¹⁶

Pelo conceito de “saúde pública”, o Estado regula os órgãos e a saúde da população através da economia de mercado. Um sistema de produção eficiente depende da saúde de seus trabalhadores. O capitalismo continua controlando os indivíduos. Em contrapartida, os setores da sociedade civil organizada continuam no embate para a democratização e melhoria dos serviços de saúde essenciais

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

para a população.¹⁷

Do total de participantes, 76,67% relataram estar satisfeitos com o trabalho no ambulatório se comparados com outras situações vivenciadas no hospital, como o desgaste pelo tempo em outros setores do hospital. Porém, também no ambulatório acontecem situações que levam ao estresse causando insatisfação.

Quando o estresse é gerado pela insatisfação diante das frustrações do trabalho, como também pelas condições deficientes do meio ambiente e qualidade ruim das relações humanas no trabalho, gera distúrbios psicossomáticos no sujeito, levando inclusive com o tempo a doenças degenerativas e mentais. Naturalmente, o estresse varia de pessoa para pessoa, dependendo da circunstância e do momento em suas vidas.¹⁸

Quando o trabalhador está em conflito com seu trabalho, a relação do trabalhador com a organização é bloqueada, o sofrimento começa. O estresse pode aparecer através do medo, da angústia, bem como a frustração e a agressividade nas relações de trabalho. Caso não corrigidas, podem se manifestar através de sintomas psíquicos, cardiovasculares, musculares e digestivos, entre outros.¹⁹

As entrevistas evidenciaram que 93,34% participavam de decisões no serviço. A participação acontecia de forma diferenciada para enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem. Para os enfermeiros, ela relacionava-se com a participação em funções de direção, como também na organização, planejamento e supervisão do ambulatório como processo dinâmico de trabalho. Para técnicos e auxiliares de enfermagem, essa participação ocorria através de reuniões, solicitações com a gerência do setor, no dia a dia do trabalho. De acordo com alguns depoimentos, a participação acontecia através do sindicato da categoria, principalmente para técnicos e auxiliares de enfermagem.

Em um trabalho realizado em um hospital privado de grande porte, em Belo Horizonte, foi constatado que o enfermeiro se destacou como profissional articulador, com grande participação nas decisões organizacionais, fundamental para a instituição alcançar seus objetivos internos. Entretanto, a interdisciplinaridade é fundamental para alcançar uma assistência de qualidade favorecendo a realização do trabalho em equipe visando à integralidade do cuidado.²⁰

Foi evidenciado que os enfermeiros buscavam qualificação profissional para o exercício das funções gerenciais em nível de

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

pós-graduação, além de seu aprendizado ser oriundo da inserção do profissional na organização. Ou seja, a organização também é responsável pelo aprendizado do enfermeiro para o desenvolvimento de sua função gerencial.²⁰

A participação da enfermagem sempre se destacou como a maior força de trabalho nas instituições de saúde, como já citado em tópicos anteriores. Porém, não se observa esta mesma expressão no campo político e de conquistas sociais. Muito se comenta sobre a questão do status que o enfermeiro desfruta no seio da sociedade, tem-se uma percepção não otimista. Isto leva a considerar que o enfermeiro não desfruta do reconhecimento social significativo como categoria prestadora de serviço importante para a sociedade. A enfermagem não aparece como referência de destaque nos relatórios e avaliações públicas dos serviços de saúde prestados à população.¹

Na conclusão de um estudo de revisão integrativa da literatura, identificou-se e analisou que os enfermeiros do Brasil tinham conhecimento das políticas e tecnologias de gestão nos serviços de saúde e de enfermagem. Foi constatado que os mesmos apresentavam forte potencial para articular os serviços de saúde, principalmente, os de enfermagem. Possuíam competência técnica no exercício profissional, porém, ainda apresentavam-se frágeis politicamente, o que prejudica a sua autonomia profissional e os torna, muitas vezes, ainda subordinados a outras profissões na área da saúde.²¹

Outro dado destacado da pesquisa é que 67% afirmaram não utilizar de nenhum serviço de apoio oferecido pela instituição. Uma preocupação atual das organizações é com o investimento na qualidade de vida do trabalhador. Se não é real, pelo menos é o que se discute e o que se propõe como medida de bem-estar e satisfação no trabalho.

O espaço do adoecimento do trabalhador como uma área de atuação específica é de fundamental importância para a prevenção e intervenção na área de saúde, mas tem sido pouco enfatizada tanto pela medicina quanto pela psicologia. Partindo de uma concepção de homem psicossocial em seu contexto histórico, reconhece-se a importância do trabalho na construção da identidade e na relação como os meios materiais e humanos. Concebe-se a saúde do trabalhador sob um modelo diferenciado, em que fatores relativos às relações objetivas e subjetivas do sujeito com o trabalho são importantes e podem ser causadoras de adoecimento.²²

Além do mais, deve-se lutar para que o trabalho signifique desenvolvimento humano e

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

não somente algo que possibilita o pagamento das contas no final do mês, embora também seja importante o recebimento de uma remuneração apropriada. Logo, o trabalho deveria dar prazer, satisfação ao trabalhador, atendendo todos os níveis das necessidades humanas. Mas como o trabalho, de maneira geral, está organizado de forma fragmentada e extenuante, principalmente o da enfermagem, pode-se dizer que um número significativo de pessoas não tem prazer em sua jornada de trabalho, o que contribui para a compreensão de que a felicidade estaria restrita aos momentos de lazer.²³

De acordo com estas exposições e reflexões levantadas da pesquisa, a respeito das estratégias de promover saúde, para enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, recursos de bem-estar são fundamentais no trabalho e fora dele, como medida de qualidade de vida e de satisfação para o trabalho. Aproximadamente 33% de funcionários conseguia realizar as estratégias oferecidas pela instituição, porém todos reconheceram a importância no investimento da qualidade de vida, embora alguns entrevistados ainda não tivessem conseguido espaços satisfatórios em suas vidas.

CONCLUSÃO

Os principais dados emergidos da pesquisa mostraram que: 66,66% dos entrevistados estavam em uma faixa etária com mais de 25 anos na instituição; 70% tinham vindo de outros setores do hospital com limitação física ou psíquica; 93,34% afirmaram participar de decisões no hospital através de reuniões e da diretoria de enfermagem; 66,67% não utilizavam nenhum serviço de apoio da instituição; e 86,67% eram do sexo feminino. Também foi constatado que: 10% possuíam o ensino superior incompleto; 23,33% ensino superior completo; 26,67% ensino *latu sensu*; e 6,67% ensino *strictu sensu*.

Neste sentido, é importante a instituição e o trabalhador investirem em recursos estratégicos de prevenção e promoção de bem-estar. Portanto, o presente trabalho não esgota o assunto desenvolvido, deixando como questionamento que o bem-estar e a qualidade de vida do trabalhador poderão influenciar na qualidade da assistência de enfermagem.

Em relação à assistência de enfermagem, este estudo propiciou uma maior aproximação da realidade do trabalho da enfermagem com estudos acadêmicos científicos. Desse modo, favorece a continuidade de estudos e pesquisas na prática, que poderão contribuir para a qualidade da assistência, acolhimento

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

do servidor e gerência do cuidado. Assim, contribui na construção de conhecimento dentro de uma realidade interpessoal e imprescindível ao desenvolvimento pessoal, profissional e social.

REFERÊNCIAS

1. Geovanni T, Dornelles S, Moreira A, Machado WCA. História da enfermagem: versões e interpretações. 3 ed. Rio de Janeiro: Revinter; 2010.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Conselho Nacional da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012: novas diretrizes e regulamentações para as pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde; 2012.
3. Sábia T, Felli VEA, Ciampone MHT. Health problems among outpatient nursing personnel with a high physiological workload. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2009 Nov/Dec [cited 2014 Sept 28];22(6):808-13. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n6/en_a13v22n6.pdf. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000600013>.
4. Canzoniere AM. Metodologia da pesquisa qualitativa na saúde. Petrópolis: Vozes; 2010.
5. Pitta AMF. Hospital dor e morte como ofício. 4th ed. São Paulo: HUCITEC; 1999.
6. Pinto IC, Marciliano CSM, Zacharias FCM, Stina APN, Passeri IAG, Bulgarelli AF. Nursing care practices at an outpatient care center from an integrative perspective. *Rev Latino Am Enfermagem* [Internet]. 2012 Sept/Oct [cited 2013 Apr 18];20(5):909-16. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v20n5/13.pdf>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692012000500013>.
7. Souza NVDO, Pires AS, Gonçalves FGA, Cunha LS, Shoji S, Ribeiro LV, et al. Riscos ocupacionais relacionados ao trabalho de enfermagem em uma unidade ambulatorial especializada. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2012 dez [cited 2014 May 23];20(spe 1):609-14. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v20nesp1/v20e1a10.pdf>.
8. Costa FM, Greco RM, Bohomol E, Arreguy-Sena C, Andrade VL. The nursing staff opinion about the continuous quality improvement program of a university hospital. *Einstein (São Paulo)* [Internet]. 2014 Jan/June [cited 2014 July 30];12(2):211-6. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/eins/v12n2/1679-4508-eins-12-2-0211.pdf>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1679-45082014A02833>.

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

9. Gomes RK, Oliveira VB. Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de enfermagem. *Bol Psicol* [Internet]. 2013 jun [cited 2014 Sept 28];63(138):23-33. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v63n138/v63n138a04.pdf>.
10. Paula, GS, Reis JF, Dias LC, Dutra VFD, Braga ALS, Cortez EA. O sofrimento psíquico do profissional de enfermagem da unidade hospitalar. *Aquichan* [Internet]. 2010 set/dez [cited 2013 abr 18];10(3):267-79. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v10n3/v10n3a08.pdf>.
11. Dalmolin GL, Lunardi VL, Lunardi Filho WD. O sofrimento moral dos profissionais de Enfermagem no exercício profissional. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2009 jan/mar [cited 2014 set 02];17(1):35-40. Available from: <http://www.facenf.uerj.br/v17n1/v17n1a07.pdf>.
12. Barlem ELD, Lunardi VL, Lunardi GL, Dalmolin GL, Tomaschewski JG. The experience of moral distress in nursing: the nurses' perception. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2012 June [cited 2013 Apr 18];46(3):678-85. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n3/en_21.pdf. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000300021>.
13. Barbosa R, Labronici LM, Sarquis LMM, Mantovani MF. Psychological violence in nurses' professional practice. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2011 Mar [cited 2013 Apr 18];45(1):25-31. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n1/en_04.pdf. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000100004>.
14. Valença CN, Lorena MNA, Oliveira AG, Medeiros SSA, Malveira FAS, Germano RM. The scientific production about occupational health of nursing. *Rev Pesqui Cuid Fundam (Online)* [Internet]. 2013 Dec [cited 2014 Sept 12];5(5):52-60. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1615/pdf_986. DOI: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2013.v5i5.52-60>.
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *HumanizaSUS: documento base para gestores e trabalhadores do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.
16. Mello IM. Humanização da assistência hospitalar no Brasil: conhecimentos básicos para estudantes e profissionais [Internet]. São

Souza ÂMN de, Teixeira ER.

Perfil sociodemográfico da equipe de enfermagem...

Paulo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP; 2008 [cited 2013 Nov 14]. Available from: http://www.hcnet.usp.br/humaniza/pdf/livro/livro_dra_inaia_Humanizacao_nos_Hospitais_do_Brasil.pdf

17. Pereira WSB, Gasda EE, Sá AC. Ethical-political look at the health work process in the face of the challenges of modernity: reflection and contributions. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 Sept [cited 2014 Sept 30];8(9):3197-205. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/6357/pdf/6157>. DOI: 10.5205/reuol.5960-55386-1-ED.0809201431.

18. Goldoni A. Estresse: como transformar esse terrível inimigo em aliado. São Paulo: Paulinas; 2011.

19. Dejours C, Abdoucheli E, Jayet C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas; 2009.

20. Siman AG, Brito MJM, Carrasco MEL. Participation of the nurse manager in the process of hospital accreditation. Rev Gaúch Enferm [Internet]. 2014 June [cited 2014 Sept 28]; 35(2):93-9. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v35n2/1983-1447-rgenf-35-02-00093.pdf>. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2014.02.44510>.

21. Lopes MMB, Carvalho JN, Backes MTS, Erdmann AL, Meirelles BHS. Politics and technologies in the administration of health care and nursing services. Acta Paul Enferm [Internet]. 2009 Nov/Dec [cited 2014 Sept 29];22(6):819-27. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n6/en_a15v22n6.pdf. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-21002009000600015>.

22. Codo W, organizador. O trabalho enlouquece? um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes; 2004.

23. Melo VA, Alves Junior ED. Introdução ao lazer. 2nd ed. São Paulo: Manole; 2012.

Submissão: 18/06/2014

Aceito: 13/03/2015

Publicado: 15/04/2015

Correspondência

Ângela Maria Nunes de Souza
Universidade Federal Fluminense
Hospital Universitário Antônio Pedro
Rua Marquês do Paraná, 303
Centro
CEP 24033-900 – Niterói (RJ), Brasil